

OS DIÁRIOS DE AULA COMO POSSIBILIDADE DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES EM FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Dirce Hechler Herbertz¹
Maria Inês Corte Vitória²

RESUMO

O presente artigo traz uma análise reflexiva de uma pesquisa realizada com alunas do 3º semestre do Curso de Pedagogia acerca dos diários de aula como um instrumento de pesquisa, bem como de desenvolvimento profissional. Busca-se socializar as análises a partir do recorte da prática docente de uma professora de Filosofia que atua com alunos de 3º e 4º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. Compreendem-se os Diários de Aula e sua devida importância e contribuição na reflexão sobre si e sobre seu trabalho como sentido de depurar o estilo profissional e qualificar sua ação docente.

Palavras-chave: Formação Docente. Diários de Aula. Prática Reflexiva. Qualificação Profissional.

ABSTRACT

This article presents a reflective analysis of a survey developed with female students in the 3rd semester of the Pedagogy undergraduate course concerning the classroom diaries as an instrument of research as well as professional development. It focused to socialize the analyses based on teaching practices of a Philosophy teacher who works with students in initial grades of Elementary school. To understand the classroom diaries' importance and contribution offers to the teachers the possibilities to reflect about their own professional role and qualify their pedagogical practices.

Keywords: Classroom Diaries. Reflective Practice. Professional Development.

¹ Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Feevale. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Psicomotora: Psicomotricidade Relacional pelo Centro Universitário La Salle. E-mail: dirce@feevale.br.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da PUCRS. Doutora em Educação.

INTRODUÇÃO

Os diários de aula são muito úteis para provocar a reflexão e o melhor conhecimento de nós mesmos e de nossas ações.
Miguel A. Zabalza (2004)

Os registros dos diários de aula, conforme menciona Zabalza, são relativamente novos em nossa prática, seja ela exercida como docentes ou mesmo em qualquer outra área do conhecimento e de atuação. Além da realização dos registros, usá-los como referência para análise e reflexão sobre nós mesmos e, conseqüentemente, sobre nossa atuação cotidiana acreditamos ser uma prática pouco usada pelos docentes, independentemente do nível de ensino em que atuam.

Este artigo nasce a partir de experiências realizadas ao longo de uma disciplina intitulada “Prática de Pesquisa: os diários de aula”, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Educação. Tal como se anuncia no título que dá nome à disciplina, os diários de aula, na perspectiva indicada por Zabalza (1998), ocupam lugar central na investigação, sendo utilizados como instrumento de reflexão sobre as práticas pedagógicas e como recurso de qualificação da escrita de professores. Nesse sentido, a partir de tal, foi realizada, junto a acadêmicas do 3º semestre do Curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior localizada no interior do estado do RS, experiência similar, que teve como objetivo principal analisar que dimensões pedagógicas estariam presentes (ou não) nos diários desses professores. Apresenta-se, portanto, como foco específico deste artigo os resultados da análise dos Diários de Aula junto a esses sujeitos de pesquisa. Segundo Zabalza (2004), “os diários de aula [...] são os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas” (p. 13). Assim sendo, na qualidade de docente do Curso acima citado, essa análise objetiva servir de ferramenta para refletir sobre algumas inquietações prementes em relação à Formação de Professores, a fim de qualificar a ação docente.

O propósito colocado na escrita deste artigo é o de verificar, a partir das análises dos diários de aula, o que está manifesto e/ou latente nos registros esboçados pelas professoras de Educação Infantil e

dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Significa dirigir o olhar sobre os aspectos pedagógicos e subjetivos envolvidos nessa escrita, para dialogar com essas profissionais e fomentar a sua reflexão sobre a sua prática diária.

Dessa forma, evidenciou-se, ao longo da pesquisa, que a prática da escrita sobre si e sobre seu trabalho não era algo tão simples para umas quanto para outras. A escrita denota a história de vida de cada sujeito. Pode-se pensar que as limitações ou as facilidades na escrita mostram exatamente o contato e as vivências da trajetória individual, ou até mesmo dos traumas vividos nos primeiros anos da época escolar. Além disso, esse espaço de escrita sobre sua ação docente proporcionou às professoras um momento de reflexão, redimensionando o planejamento das aulas e do olhar sobre as crianças.

ASPECTOS CONSIDERADOS RELEVANTES PARA A NECESSIDADE DA/NA CONSTRUÇÃO OS DIÁRIOS DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante minha caminhada profissional na Educação Básica e no Ensino Superior, fui observando o quanto o professor se depara inúmeras vezes com situações do cotidiano que o levam a sofrer um desgaste físico e emocional por conta das adversidades enfrentadas com seus alunos em sala de aula. Situações essas que abrangem a ordem do cognitivo, afetivo e sócio-cultural. Diante dessa diversidade, torna-se emergente que o professor tenha um espaço de reflexão e análise sobre a realidade na qual está inserido como profissional e sobre sua prática para com esse público.

Inúmeras vezes nos deparamos com professores cansados e desestimulados em seu fazer docente por conta das muitas demandas que lhe são atribuídas. Por um lado, na Educação Infantil, por exemplo, além de ter que dar conta de desenvolver um trabalho pautado no lúdico, objetivando a socialização, a integração, o contato com o mundo dos números e das letras, há que dar conta de questões extremamente burocráticas do cotidiano de sala de aula. Cabe salientar, também, que, conforme cada realidade escolar, esse profissional se encontra sozinho nessa prática, não tendo uma auxiliar a seu dispor. Por sua vez, o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental também enfrenta dificuldades com relação à demanda de muitos alunos por turma e por trabalhar em escolas diferentes. Isso

nos faz pensar e remete ao questionamento: em que momento esses professores refletem sobre sua prática de sala de aula? Além disso, o tempo disponível que teriam ainda está sendo absorvido pela busca da sua Formação Acadêmica. O que vemos se estabelecer diante de inquietações como essas representam apenas alguns dos inúmeros dilemas que fazem parte da rotina docente, ou seja, a falta de tempo e/ou condições para se aprimorar profissionalmente e a necessidade absoluta de assumir a educação continuada como princípio/valor profissional. Afinal, dada a importância de nosso ofício como professores, acreditamos que somente a partir de uma educação que se faz de maneira permanente é que se pode esperar melhorias no cenário educacional brasileiro.

A propósito disso, destacam-se as palavras de Libâneo:

É na sala de aula que os professores exercem sua influência direta sobre a formação e o comportamento dos alunos: sua postura em relação ao conhecimento específico de sua matéria, aspectos do relacionamento professor-aluno, sua atitude em relação à instituição, seu planejamento, sua metodologia de ensino, seus valores, seu relacionamento com colegas de outras disciplinas (LIBÂNEO, 2009, p. 2).

Cabe considerar que, na qualidade de formadoras de professores, se considerarmos que o tipo de sujeito que desejamos formar é aquele que se volta mais para a transformação do que para a reprodução, será inevitável que entendamos a aprendizagem do futuro professor como resultante da sua própria atividade intelectual. Nessa perspectiva, não caberia a educação bancária de que fala Freire, quando ilustra esse conceito falando dos “depósitos de conteúdo” que o professor faz em sala de aula – nessa concepção de ensino – para, depois de algum tempo, “cobrar” tais depósitos tal e qual foram apresentados. Para nós, professoras de futuros professores, essas reflexões nos levam a observar que a aprendizagem precisa envolver o aluno como pessoa integrante de um contexto sociocultural, com sua história de vida, suas ideias, suas emoções, seus desejos, sua cultura, sua profissão. Segundo Libâneo:

Sabemos que a formação do docente universitário é um campo de tensões. De um lado, estão os pedagogos que insistem na necessidade de aquisição de saberes pedagógicos e competências metodológicas e de mudanças de atitudes em relação à tarefa de ensinar. De outro, estão os docentes que recusam essa necessidade de formação pedagógica específica. A despeito disso, a condução pedagógica da universidade supõe uma dupla convicção: a) de que o professor universitário possui duas especialidades profissionais: a de ser especialista na matéria e especialista no ensino desta matéria. b) de que, se houver algum lugar mais propício para promover mudanças e inovações em vista da melhoria da qualidade de ensino, esse lugar é o curso, com seus professores e alunos, e a forma, a gestão participativa (LIBÂNEO, 2009 p. 3).

Dessa forma, destacam-se a importância e a necessidade de proporcionar, através da escrita dos diários de aula, momentos de retomada, de reflexão sobre todos os aspectos subjacentes ao fazer docente e sobre si, afinal, o bem-estar pessoal se reflete automaticamente no bem-estar profissional.

Portanto, a partir da escrita e da análise dos diários de aula, pretende-se elucidar pontos específicos que venham a auxiliar os professores a ter um olhar sobre si e sobre seu profissionalismo, para tornar a educação mais ética e mais qualificada.

Inicialmente, foi socializada ao grupo de acadêmicas de uma determinada disciplina do Curso de Pedagogia, no início do semestre, a proposta de pesquisa sobre os Diários de Aula. Após explanação do que seriam os Diários de Aula e sua devida importância e contribuição na reflexão sobre si e sobre seu trabalho, no sentido de depurar seu estilo profissional, surgiram vários questionamentos dirimindo as dúvidas de cada um. De prontidão, pode-se observar a adesão dos envolvidos. Essa proposta estava destinada a quem atuava em sala de aula na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Assim, cada um produziria seus registros a partir da sua vivência como docente. Ao longo do semestre, sistematizamos os encontros de forma mensal e quando eram trocadas ideias acerca dos registros realizados individualmente.

Para a construção deste artigo, nos basearemos no recorte dos diários de aula da professora de Filosofia, que trabalha uma vez por semana com 3^{os} e 4^{os} anos do Ensino Fundamental. Partindo da leitura e da análise dos diários escritos, têm-se vários dados que reforçam exatamente o que já se escreveu anteriormente, ou seja, o quanto o registro dos diários auxiliam na análise sobre a prática. Evidencia-se claramente que a professora apresenta, em seus registros, a presença de planejamento das aulas e destaca-se a flexibilidade de redimensionar as aulas, todas as vezes que necessário, de acordo com a realidade e a necessidade de momentos vividos e trazidos pelos alunos. Em um dos registros, relata: *“apesar de não ter conseguido dar a aula planejada, mas acho que foi maravilhosamente aproveitada”*.

Outros aspectos que se repetem nos diários de aula são a valorização dos saberes discentes trazidos a partir da vivência de sua cultura e de seu contexto social; professora sentindo-se parte do processo, pois valoriza e proporciona espaço para os alunos verbalizarem seus sentimentos, mesmo que sua aula tome outros direcionamentos, porém afirma que *“depois da choradeira eram outros, mais colaborativos e mais calmos”*. Conforme Arroyo (2002), *“será necessário sobretudo [...] educar a sensibilidade para captar nos temas, nas unidades e nos conteúdos do programa, sinais, significados desses processos de humanização”* (p. 45).

Nesse sentido, a professora, a partir de suas reflexões sobre o trabalho e os registros anteriores, percebeu e valorizou o momento de seus alunos, permitindo-lhes verbalizar sobre sentimentos de dor e angústia a partir da música e da mensagem que ouviram, quando a proposta era *“pensar no eu interior, pensar também que ser feliz é tudo”*. Mas como poderiam pensar e ser felizes se estavam encharcados de suas mazelas corporais? Como estariam disponíveis, de corpo e de mente, para a aprendizagem daquela aula, se tinham necessidade de catarse de suas questões conflitivas emocionais?

A atitude da professora mostra-nos o que referenda Tardif (2008):

No exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais

ou menos transitórias e variáveis. Ora, lidar com condicionantes e situações é formador: somente isso permite ao docente desenvolver os *habitus* (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real), que lhe permitirão justamente enfrentar os condicionantes e imponderáveis da profissão. Os *habitus* podem transformar-se num estilo de ensino, em ‘macetes’ da profissão e até mesmo em traços da ‘personalidade profissional’: eles se manifestam, então, através de um saber-ser e de um saber-fazer pessoais e profissionais validados pelo trabalho cotidiano (p. 49).

O respeito à necessidade dos alunos, redirecionando o planejamento das aulas, fez com que a professora chegasse ao seguinte pensamento: *“alunos que eu já tinha ‘quase’ desistido me fizeram ver que vale a pena continuar lutando”*. A mudança que essa prática provocou em cada aluno despertou curiosidade nos demais professores. Evidencia-se quando registra em seu diário: *“na escola os professores ficaram curiosos para saber o que havia feito, pois viram alunos que nunca demonstraram sentimentos, se emocionarem”*. Conforme Zabalza (2004)

Em certas disciplinas [...] o diário aparece como um recurso privilegiado para refletir como cada aluno vai construindo seu conhecimento disciplinar, tanto em sua dimensão conceitual como no que se refere à dimensão atitudinal e à ‘visão’ geral dos temas que acaba configurando em sua mente (p. 24).

Pode-se, assim, pensar no quanto os registros dos diários de aula para essa professora têm sido significativos, permitindo o pensar sobre si e também servindo para depurar sua prática profissional. Qualificou seu planejamento a partir dessa vivência como o novo olhar sobre seus alunos. Nesse sentido, Zabalza (2004) corrobora dizendo que:

Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de ‘distanciamento’ reflexivo

que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender. Pelas anotações que vamos recolhendo no diário, acumulamos informações sobre a dupla dimensão da prática profissional: os fatos de que vamos participando e a evolução que tais fatos e nossa atuação sofreram ao longo do tempo. Dessa maneira, revisando o diário podemos obter essa dupla dimensão, sincrônica e diacrônica, de nosso estilo de ensino (p.10).

Analisando esses diários de aula, do ponto de vista pedagógico, fica evidente que a aprendizagem ultrapassa questões meramente de cunho cognitivo. Dito de outra forma, o quanto os aspectos emocionais interferem no processo de aprendizagem do aluno. E o professor que tem esse olhar mais apurado, que abre um espaço de escuta, contribui significativamente para melhorar o desenvolvimento e o desempenho escolar e pessoal de cada um dos alunos. Não obstante, melhora também as relações interpessoais entre os alunos e destes para com a professora, bem como contribui na fluidez e realização das atividades que são propostas em sala de aula. Isso fica muito claro quando a professora fez o seguinte registro em um de seus diários. *“A aula desta semana foi simplesmente maravilhosa, os alunos que normalmente atrapalhavam, depois da choradeira eram outros, mais colaborativos e mais calmos. Nesta aula sugeri que criassem teatro, música ou dança com valores como respeito, responsabilidade, solidariedade, disciplina e justiça, os alunos se envolveram de uma forma muito intensa, foi muito gratificante ver as apresentações, pois usaram de muita criatividade”*.

OS DIÁRIOS DE AULA E O FAZER DOCENTE: RESULTADOS E CONSEQUÊNCIAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO

Considerando-se que o professor necessita de tempo e de conteúdo específico para fazer suas reflexões sobre sua prática docente, faz-se oportuno elencar referenciais teóricos para referendar o que até aqui foi exposto. Buscamos elucidar referenciais de autores como Tardif e Arroyo, que tratam especificamente de formação, saberes e ofício docentes. E, em Zabalza, as contribuições advindas dos diários de aula.

As teorias apresentam-nos diversos aspectos que devem ser analisados acerca da prática docente. Iniciamos com algumas ideias de Tardif (2008) sobre a formação de professores. O autor faz uma crítica a esse respeito e acredita que, para que a formação de professores seja substancial, certas mudanças são necessárias nas concepções e nas práticas vigentes. Propõe que, reconhecendo os professores de profissão como sujeitos do conhecimento, deveriam ter o direito de falar algo sobre sua formação profissional. Talvez fique mais claro com a citação a seguir

[...] o que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para a lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através das quais os futuros professores recebem e processam esses conhecimentos e informações. Essa lógica profissional deve ser baseada na análise das práticas, das tarefas e dos conhecimentos dos professores de profissão; ela deve proceder por meio de um enfoque reflexivo, levando em conta os condicionantes reais do trabalho docente e as estratégias utilizadas para eliminar esses condicionantes na ação (TARDIF, 2008 p. 242).

Outro aspecto relevante que esse autor aponta são os saberes experienciais. Traduz isso dizendo que é o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários da prática profissional dos professores e que não provêm dos cursos de formação nem dos currículos. Esses saberes não são encontrados, de forma sistematizada, em outras teorias. São saberes práticos, formando um conjunto de “representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem a cultura docente em ação” (TARDIF, 2008 p.49).

Postula que o professor não atua sozinho, isoladamente, sempre está interagindo com outras pessoas, iniciando com os alunos em sala de aula. Essa rede de interações com outros sujeitos, tendo presente os valores, os sentimentos, as atitudes, é mediada pelo discurso, pelos comportamentos e pelas maneiras de ser. As interações entre professores e alunos constituem um núcleo e determinam os procedimentos da pedagogia.

Os saberes experienciais fornecem aos professores certezas relativas a seu contexto de trabalho na escola, de modo a facilitar sua integração. Os saberes experienciais possuem, portanto, três 'objetos': a) as relações e interações que os professores estabelecem e desenvolvem com os demais atores no campo de sua prática; b) as diversas obrigações e normas às quais seu trabalho deve submeter-se; c) a instituição enquanto meio organizado e composto de funções diversificadas. Estes objetos não são objetos de conhecimento, mas objetos que constituem a própria prática docente e que só se revelam através dela (TARDIF, 2008 p. 50).

Decorrente dessa ideia ocorre uma defasagem entre objeto e condições, há um enorme distanciamento entre os saberes experienciais e os saberes adquiridos na formação, há os limites dos saberes pedagógicos. Nesse sentido, corroboramos Tardif (2008) que "A prática cotidiana da profissão não favorece apenas o desenvolvimento de certezas 'experienciais', mas permite também uma avaliação dos outros saberes, através da sua retradução em função das condições limitadoras da experiência" (p. 53).

Sem dúvida, a experiência se faz necessária para relacionar as teorias com a prática, uma vez que conhecimentos teórico e pedagógico são imprescindíveis e essenciais para qualquer atuação que se pretenda qualificada. Assim,

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando

o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (*retroalimentação*) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (p.53).

Ao lermos a obra *Ofício de mestre*, de Miguel Arroyo, podemos perceber, com clareza, a preocupação do autor sobre a imagem e autoimagem do professor e sugere que ele se "problematize" a si mesmo, levando a libertar-se das imagens docentes que são amadas ou odiadas. Na prática docente, a função pedagógica educativa é um dever para os professores. Ofício esse que interroga, confronta com o próprio dever.

É comum nas escolas, em reuniões pedagógicas, em conselhos de classe ou mesmo nos atendimentos às famílias, que os professores depositem ou questionem o sucesso e/ou fracasso dos alunos em relação ao domínio dos conteúdos, de competências, ao invés de incluir-se nesse processo de avaliação, percebendo-se como parte ativa tanto no processo de ensino quanto no de aprendizagem. Segundo Arroyo (2002), "pensar e mexer com a formação humana é um pensar nossa própria formação, nosso próprio percurso" (p.41).

Nesse sentido, para Arroyo (2002), o dever-ser que acompanha a prática educativa e o professor requer reflexão, leitura, domínio de teorias e metodologias. Diariamente, no convívio com crianças e adolescentes, aprendem-se e são vivenciadas inúmeras situações diferentes. Isso o autor chama de "voltar à infância", reencontrando-a nos alunos e em nós como professores. "Tornar o professor reflexivo, capaz de tematizar práticas pode ser demasiado racional para captar processos tão surpreendentes como acompanhar a formação da infância e da adolescência" (ARROYO, 2002 p.45).

Segundo seu pensamento, ele atribui que a maioria dos professores de Educação Básica teve, em sua formação, uma ênfase maior à transmissão de conteúdos, programas, áreas e disciplinas de ensino. Pouco ou nada recebia relacionado à teoria pedagógica, às teorias da educação. Mas conclui dizendo que, "no diálogo com colegas, nos confrontos políticos, na sensibilidade com a dinâmica social e cultural fomos reaprendendo

nossa condição de educadores(as). Um aprendizado através de um diálogo tenso que vai reconstruindo o rosto desfigurado e indefinido”(p.52).

No contexto atual de século XXI, há um predomínio em relação ao descartável, ao descontínuo, às incertezas, à relatividade das coisas e dos fatos que geram, inúmeras vezes, um mal-estar nos docentes. O cotidiano dos professores é permeado pela heterogeneidade. São as crianças e os adolescentes com novos perfis e interesses, as tecnologias avançando vertiginosamente, a sociedade mais complexa e individualista e o professor, em meio a tudo isso, precisa buscar (re) criar sua prática docente.

Além dos cursos de formação inicial (Graduação), o professor necessita qualificar-se profissionalmente a partir do que se denomina de formação continuada. Outro processo de qualificação profissional do professor, em sua prática em sala de aula, é a possibilidade do que Zabalza preconiza na realização dos registros dos diários de aula.

Ao fim e ao cabo, escrever sobre o que se está fazendo como profissional é considerado por Zabalza (2004) como processo importante para a conscientização de sua prática. O fato de registrar a prática permite ao sujeito um distanciamento reflexivo que lhe propicia uma análise crítica sobre seu atuar específico.

É a forma que cada profissional tem de fazer esse olhar sobre si, sobre seu fazer. Escrever, distanciar-se desse registro é uma forma de aprender. Conforme Zabalza (2004), “os diários permitem aos professores revisar elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho” (p.17).

Os registros no diário de aula proporcionam duas dimensões profissionais: o que se vai escrevendo (os fatos) e os progressos que esses e a própria atuação apresentam com o passar do tempo. Nessa perspectiva, pode-se considerar que os diários de aula auxiliam no crescimento pessoal e profissional do ser humano.

A vivência com os diários de aula escritos por professores concretiza a pesquisa do autor no que se refere à dinâmica de revisão. Desenvolve a consciência, a informação analítica, a previsão da necessidade de mudanças, a experimentação das

mudanças e a consolidação da depuração do estilo pessoal de atuação. O objetivo dos diários de aula é, portanto, servir de documento para os professores registrarem suas impressões sobre os fatos ocorridos em sala de aula. A propósito disso, referendamos essa ideia de Zabalza (2004)

Os diários contribuem de uma maneira notável para essa espécie de círculo de melhoria capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como professores. Esse círculo começa pelo desenvolvimento da consciência, continua pela obtenção de uma informação analítica e vai se sucedendo por meio de outra série de fases, a previsão da necessidade de mudanças, a experimentação das mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de educação (p. 11).

Pode-se então pensar que os diários podem ser usados com o objetivo investigativo ou para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. Eles servem como acesso ao mundo pessoal de cada professor através da revisão de elementos pessoais. Auxiliam também na explicitação dos dilemas que podem ser específicos e decorrentes de situações problemáticas no desenvolvimento da aula. Em síntese, pode-se dizer que somos o que escrevemos. E os diários de aula servem para depurar e qualificar a prática profissional docente. Permitem que o professor se enxergue como parte desse processo. E, em particular, a exemplo do que aconteceu neste artigo, o estudo e a investigação sobre os diários de aula no cotidiano de educadores dos Anos Iniciais e Educação Infantil serviram também como rica fonte de interlocução e produção de novos saberes entre duas formadoras de professores.

FINALIZANDO O TEXTO, MAS NÃO A PESQUISA

No percurso deste artigo, podemos argumentar e trazer para nossa reflexão que a prática dos registros dos diários de aula está pouco presente na prática docente da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. A análise sobre essa prática vivenciada cotidianamente também é algo relativamente não preconizado. Cabe-nos

esse desafio. Incentivar as alunas do Curso de Pedagogia a terem como prática os registros daquilo que acontece em sua sala de aula, permitindo-lhes um desenvolvimento profissional permanente, revisando e analisando sua experiência.

A prática que serviu de reflexão e análise para a escrita deste artigo é oriunda dos registros dos diários de aula de uma docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. Pensa-se nos docentes que atuam por área, seja de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental ou mesmo do Ensino Médio, na Educação Básica, a riqueza que se poderá obter a partir dos registros de quem tem somente aqueles seus períodos específicos de aula. Imagina-se o quanto os registros dos diários de aula os auxiliariam a revisar suas práticas para refleti-las e, assim, melhorar seu fazer docente.

Possivelmente, a análise não tenha se esgotado com o que foi escrito ao longo do artigo. Mas que sirva para outras tantas reflexões que o leitor deste artigo possa estar fazendo a partir dele.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **O ensino de graduação na Universidade: a aula universitária**. Disponível em: <http://www.ucg.br/site_docente/edu/libaneo/pdf/ensino/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.